

GIRAFAS GICLEIDE E AMANDA GIRAM PELA ÁFRICA



Anderson de Carvalho Pereira

Ilustrações: Laiana Vieira

GIRAFA GICLEIDE E AMANDA GIRAM PELA ÁFRICA



Anderson de Carvalho Pereira

Ilustrações: Laiana Vieira



Marca de Fantasia
Paraíba, 2021

Girafa Gicleide e Amanda giram pela África

Anderson de Carvalho Pereira
Série Tertúlia, 6 - 2021



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
João Pessoa, PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

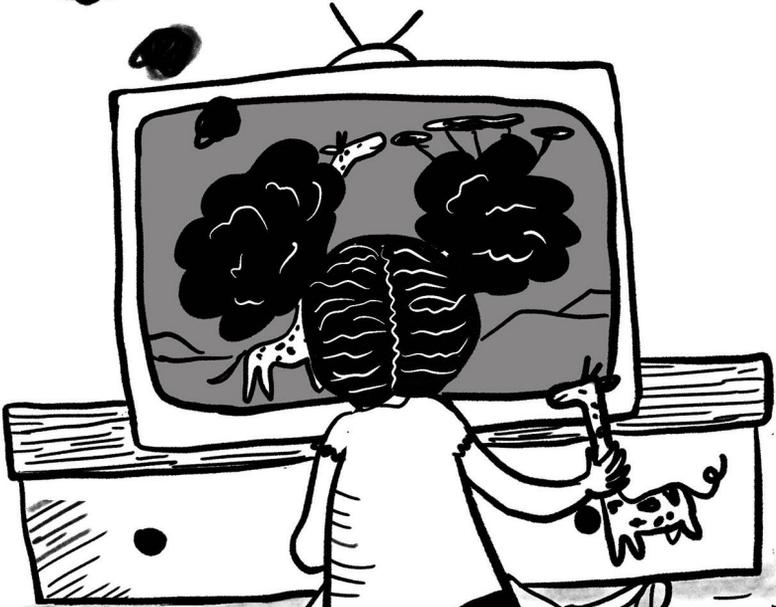
A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação
Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e do NAMID
- Núcleo de Artes e Mídias Digitais, projeto de extensão do
Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor: Henrique Magalhães

Ilustrações: Laiana Alves dos Santos Vieira
Revisão: Elizabeth Filomena Soares Lopes

Amanda era uma menina muito curiosa que viu uma girafa pela primeira vez na televisão.

Foi então que ela quis ter em miniatura uma girafa de pelúcia muito parecida com a da televisão. E foi então que sua mãe comprou uma para ela.



Um dia, por sorte, bem do alto da janela do seu quarto, ela avistou o rosto de uma girafa que quase bateu o nariz no vidro da janela. A girafa estava tentando comer umas plantas que a mãe de Amanda havia plantado perto da janela do apartamento, no alto do prédio onde moravam.

Não era uma girafa qualquer. Era diferente das que via na televisão e nos vídeos dos zoológicos mais diversos do mundo aparecendo a toda hora no “youtube”. Nem na África havia uma girafa como aquela.

Era uma girafa com crina de pônei, mas não era um pônei; parecia um unicórnio, mas não era um unicórnio porque era mais alta, pescoçada mesmo, e não tinha aquele chifre no meio da cabeça. Tinha dois chifrinhos redondinhos, como duas anteninhas.

Diferente que era, não tinha também os olhinhos pacatos das girafas africanas. A girafa Gicleide tinha olhões esbugalhados como os de um sapo.

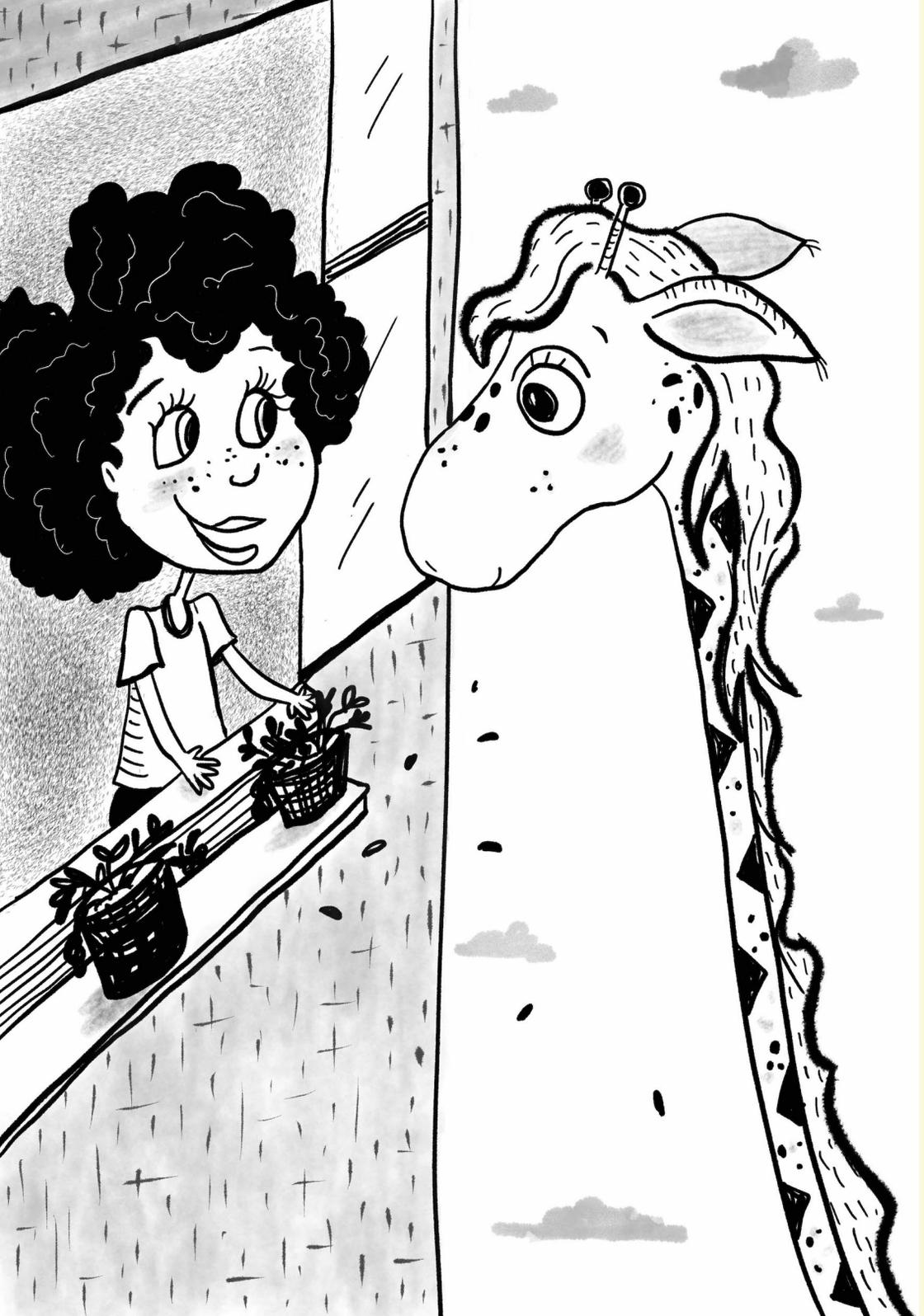
Um dia Amanda ficou na janela à espera da girafa que havia aparecido outro dia. Então sua mãe gritava:

- Amanda, vem almoçar!

E a menina lá, à espera. Passaram-se vários dias e várias vezes a menina ouvia:

- Ei, filha, está na hora da escola!

Um dia desses enquanto se abaixava ao chão para juntar os brinquedos e ir para a escola, Amanda se levantou e topou de novo com a girafa na janela. As duas esbugalharam os olhos.



A girafa era muito mais alta do que aquelas que apareciam nas telinhas. Tinha olhos grandões, maiores que os dos sapos cururus que a menina via em dias de chuva pelo bairro onde sua avó morava.

Como a janela estava um pouco aberta, as duas começaram a conversar bem baixinho para a mãe não perceber.

Vários dias de aproximação se passaram. As duas combinavam de conversar às 11h30 um pouco antes da ida à escola. A mãe de Amanda reparou que ela andava mais quieta e mais silenciosa, guardava os brinquedos bem direitinho, enquanto terminava as lições de casa.

Esperta que era, guardava os brinquedos para poder conversar com a girafa.

Em uma dessas conversas, foi Amanda que teve a iniciativa. Ela disse:

- Oi, por que voltou?

A girafa respondeu:

- Ah, deixa eu comer umas acácias em paz.

Um dia, a girafa se queixou:

- Preciso de alguém que me ajude a voltar para a África.

E Amanda respondeu que a ajudaria.

Mas para isso, a girafa Gicleide precisaria confiar em um pedido de Amanda. Deixar que a menina a dirigisse.

Desde que viu uma girafa pela primeira vez, Amanda sonhou em dirigi-la, em pilotar uma girafa. E desde então pensava. Se eu subir no ponto mais alto vou conseguir ver tudo tão longe. Mas se eu me sentar no início do pescoço de uma girafa não vou conseguir ver muita coisa porque de vez em quando elas balançam a cabeça para todos os lados.

Seria legal ver tudo tão longe, mas dava um medo de escorregar lá para baixo ou cair lá de cima. Também era muito legal pensar em ficar agarrada no pé do pescoço da girafa. Assim ela ficaria mais segura. Mas também não daria para conversarem. E elas tinham muito que conversar. E então, a girafa falou:

- Você pode segurar nas minhas duas anteninhas. Assim você não vai escorregar, quando estiver em cima. Ou segure na crina quando estiver na parte de baixo.

Após estudar o assunto, Amanda agradeceu a orientação e disse:

- Olha, você é muito esperta. Parece que está aceitando qualquer coisa para alguém te guiar de volta para a África.

E foi assim que elas continuaram a negociar. A girafa Gicleide, assim batizada porque Amanda tinha uma tia chamada Giselda e a professora que ela mais gostava se chamava Cleide, combinou também de balançar e jogá-la para cima ou deixá-la escorregar para baixo a depender do movimento.

Mas jogar lá para cima também era arriscado. Foi então que Amanda decidiu fazer trancinhas na crina da girafa, como aquelas trancinhas que faziam no seu cabelo antes dela ir à escola. A cada nozinho, ela apoiava os pés e alcançava um degrau mais acima.



As trancinhas também serviriam de escadinha. Ela poderia subir com muito cuidado ou descer, mas só quando Gicleide estivesse parada.

Gicleide a alertou:

- Você pode fazer as tranças e subir e descer, mas só quando eu estiver parada. As crianças não podem correr perigo. Elas devem sempre prestar muita atenção nas orientações dos adultos e tomar cuidado com escadas, fios elétricos, lugares com água, eletrodoméstico, aparelhos com fogo como os fogões para não se machucar.

A girafa Gicleide explicou que muitas crianças iam para o hospital porque se acidentavam na própria casa.

Após fazer as trancinhas, Amanda subiu pelo pescoço da girafa como se estivesse brincando de ser bombeira. Chegando lá em cima elas continuaram a conversar.

Durante vários dias, a girafa contou que tinha vindo por engano para o Brasil em um navio que chegou ao porto de Salvador. Explicou também que gostou da chegada porque as pessoas de Salvador e da África se pareciam.

Logo disse:

- Elas também usam torço no cabelo, também fazem deliciosas comidas de milho, dendê e feijão. Elas também dançavam músicas com percussões bem tocadas e ouvem os mais velhos.

E Amanda completou:

- Sim, as pessoas mais velhas devem ser as mais respeitadas de qualquer lugar.

Mesmo assim, meio perdida depois de tantos dias de viagem pelo mar, aproveitando para pegar uma brisa na parte alta do navio, a girafa começou a sentir vontade de retornar para seu país de origem, Botsuana.

Ela já havia ouvido falar do Brasil, gostou das pessoas e descobriu que durante muitos anos as pessoas vindas da África ajudaram a construir o país de Amanda, ainda que durante muito tempo lamentavelmente na condição de escravos.

A viagem de retorno contaria com a ajuda de Amanda, que comentou com sua mãe que iria a uma excursão para o zoológico. Não deixava de ser algo bem parecido com uma excursão, mas era na verdade uma longa aventura.

Durante esta aventura, as duas conversavam sobre as comidas feitas pela avó de Amanda. A maioria delas aprendidas de sua bisavó, que ela não conhecia, mas já tinha ouvido falar que viera da África.

Já tinha ouvido falar também que algumas comidas também tem origem africana. Inclusive a língua falada no Brasil era repleta de palavras africanas. Como partes do corpo, por exemplo. Aí ela entendeu de onde veio a expressão “bunda de nenê”.

Algumas palavras vinham da culinária porque lá na África as pessoas cozinham muito bem: farofa, quibebe, moqueca, tutu, tutano, inhame, fubá, abará, maxixe, canjica, angu, acarajé, mungunzá, caruru.

A farofa era aquela farinha bem quentinha que Amanda via seus pais comerem nos churrascos. Quibebe sua avó fazia de vários sabores, aquele cremezinho tipo um caldo. Parecido que era com a moqueca de peixe ou de camarão. Já o tutu pode ser de feijão ou misturado com o tutano de boi. O abará era um bolinho feito de feijão fradinho igual o acarajé, só que cozido; cozido e embrulhado na folha de bananeira. O angu, o mugunzá e a canjica também eram molinhos, mas cada um do seu jeitinho; todos feitos de milho. Assim como o fubá. Diferente do inhame e do maxixe que são legumes. E diferente do caruru, molinho e feito de quiabo. Nossa! Amanda acabou pensando neste momento em um monte de comidas.



Farofa 
Quibebe  ANG
ACARAJÉ
Abará
MUNGUNZA
FUBA
CARURU 
Canyica
TUTU 



Já era perto da hora do almoço e ela ainda não havia almoçado. A mãe gritava lá longe e ela, baixinho, conversava com a girafa.

E, também o acarajé que cheirava muito bem em muitas cidades da Bahia, a partir do fim da tarde. Acarajé com dendê, um óleo retirado de umas árvores com este nome. Na África, o dendê aparece em quase todo o litoral. Ficou muito conhecido na Costa do Marfim, e atualmente na Bahia parte da Costa chama Costa do Cacau e do Dendê.

Então, ela falou para a girafa Gicleide:

- Nossa. Lá perto de Ilhéus, no sul da Bahia também tem umas praias com árvores de dendê!

Gicleide respondeu:

- Sim, lá em Ilhéus e Itabuna, terras do sem fim, de tão longas que são as florestas e as praias, região do escritor Jorge Amado, tem bastante dendê. Essas árvores vieram da África.

Foi então que em um giro de pescoço, depois de sentar no pescoço da girafa, ela acabou escorregando para o chão, o chão de um lugar diferente, um chão em que nunca tinha pisado, o chão da África.

Quando lá desceu, foi logo recebida por um caracolzinho de Madagascar. Outro bichinho que vive na África e que, junto com zebras, outras girafas e elefantes a levaram para passear pelas savanas. De norte a sul daquele continente imenso, Amanda reconheceu muito do que também ocorre no Brasil.



Enquanto ela conversava com esta turma, foi aprendendo como as palavras, muitas delas de origem africana, ajudavam a se expressar lá no Brasil, de onde já estava com um pouquinho de saudades. Saudades porque a viagem era longa.

Amanda e suas companheiras então organizaram a viagem que fariam pelo continente africano.

O caracol de Madagascar logo disse:

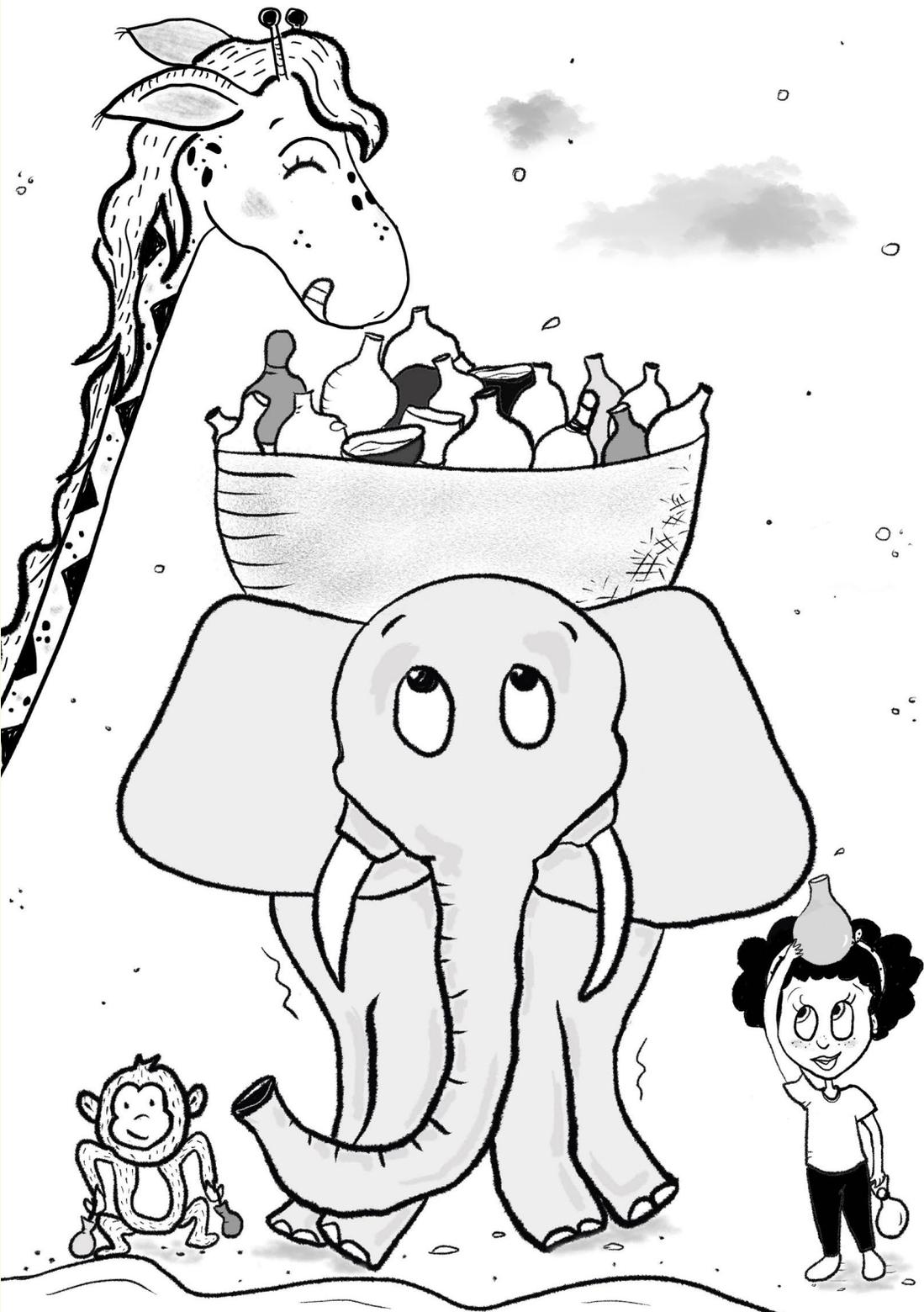
- Precisamos levar algumas cabaças com água.

A zebra ajudou:

- Vou pegar umas aqui na árvore.

Todos precisaram levar várias cabaças com água para não morrerem de sede pelo caminho. Amanda ficou curiosa com o som desta palavra. Cabaça parecia cabeça. Era uma cumbuca de madeira, retirada de algumas árvores e que também serviria para levar muitos daqueles alimentos que ela aprendera o nome. Farofa, quibebe, moqueca, tutu, tutano, inhame, fubá, abará, maxixe, canjica, angu, acarajé, mungunzá, caruru. E também água!

Nada daquilo era bugiganga. Era tudo muito saudável e útil. Bugigangas eram aqueles brinquedos quebrados, ou aquelas bonecas sem cabeça de seus primos.



As bonecas dela eram todas bem cuidadas. As bonecas negras, as que mais se pareciam com Amanda, tinham torços e cabelos enrolados por trancinhas de pontas coloridas.

Amanda também descobriu que um dos materiais de escola mais antigos, o carimbo, também tinha nome africano. Foi pensando em tudo isso enquanto marchava em cima de um elefante. O dorso do elefante parecia uma caçamba. Uma grande caçamba como aquelas dos caminhões de lixo que passavam pelo seu bairro. Pensou como era importante separar os lixos orgânicos dos recicláveis,

latas, papel, plástico e outros materiais que não podiam ir logo assim para poluir o planeta. Ao comentar sobre isso, soube da boca de uma zebra que muito lixo era mal descartado na África, assim como também ocorria lá no Brasil.

A esta altura, a girafa Gicleide já estava cansada. Por isso ela foi para o elefante e do elefante ela pulou para a corcova de um camelo, quando chegaram ao norte da África.



Como o continente é muito grande, até dar a volta completa e retornar para o seu quarto em Salvador, na Bahia, Amanda aprendeu com esses animais da savana várias outras palavras africanas faladas no Brasil.

O camelo, por exemplo, virou para ela e disse:

- Por que você está tão borocoxô? Ficou encabulada com alguma coisa?

A girafa explicou para ela:

- Ele está perguntando por que você está quieta, amuada. Alguma coisa te assustou, te deixou pensativa?

Amanda logo percebeu que algumas palavras africanas usadas no Brasil serviam para expressar como as pessoas se sentem ou como elas se comportam. Algumas ela até já tinha ouvido, mas gostou daquela explicação.

Sempre que pensava bastante em algo, ela ouvia que tinha ficado encabulada. Ou que era o xodó de sua avó; que tinha uma colega de sala que era sua xará; que era muito sapeca ou serelepe quando se juntava com outras crianças e que ficava borocoxô quando ficava doente.

Todas estas palavras expressavam algum axé, alguma coisa boa que a vida traz para todos nós. Ah, ela já tinha visto o desfile dos afoxés em Salvador e sabia que eles também ocorriam em várias outras cidades pelo Brasil afora.

Esse axé também poderia expressar algum ruim, como quando o vizinho ficava zangado com a zoeira, a bagunça que ela e outras crianças faziam.

Daí vinha cada mutreta, cada confusão que podia até escangalhar, perturbar, e fazer tudo virar uma quizumba, uma bagunça ainda maior.

Em um desses dias, o pai de Amanda tinha gritado com ela e com seus primos enquanto brincavam no chão da sala:

- Se não arrumarem estes brinquedos, vou ficar muito zangado com esta zoeira!

Outro dia, ouviu sua mãe dizer que não era só na política que vezes tinha muita mutreta. E que um utensílio da cozinha estava escangalhado. Outro dia sua mãe comentou com a vizinha:

- Toda vez que tem churrasco aqui, esta casa vira uma quizumba. Tem gente que parece que tem a boca furada, deixa cair farofa para todo lado!

Isso tudo mostrava que ela vivia em um mundo rodeado de gente de todos os tipos e não vivia isolada em um muquifo.

Muitas vezes, ouvia essa palavra quando os adultos falavam das pessoas que não moravam em uma casa confortável. Amanda sempre ficou muito triste em ver tanta gente tão cheia de vida em casinhas tão pequenas ou sofrendo em lugares apertadinhos. Isso também se chamava muquifo.



O caracolzinho de Madagascar que estava ali parado na corcova de outro camelo, de repente falou:

- Esta conversa me deu um banzo.

Claro, ele também já estava muito longe de casa; de Madagascar à Tunísia era muito longe.

E então Amanda perguntou para a girafa:

- O que é banzo?

Era muito grande aquela lista. E Gicleide continuou explicando todas estas coisas enquanto Amanda se despedia dos outros animais e se preparava para voltar ao Brasil.



Esta foi a parte da conversa que mais gostou porque notou que lá na África as pessoas se importam muito umas com as outras. Ela sabia que também sentiria um banzo quando deixasse a África, um banzo diferente daquele sentido pelos seus antepassados.

E então quase na hora de ir embora a girafa estacionou seu pescoço em frente da menina e ela embarcou em giro parecido com o de um guindaste de volta para Salvador, no estado da Bahia, no Brasil. Agora toda vez que ela vê todas aquelas pessoas pelas ruas de Salvador e do Brasil, ela se lembra da África.



GIRAFAS GICLEIDE E AMANDA GIRAM PELA ÁFRICA



Anderson de Carvalho Pereira

Ilustrações: Laiana Vieira